

ELEMENTOS CONSTITUINTES DO DISCURSO: UMA ANÁLISE EM REDAÇÕES ESCOLARES

Jamires Nobre Menezes de Oliveira (UNEB).

RESUMO

Este trabalho apresenta os elementos constituintes do discurso estabelecidos entre o locutor e o alocutário. Esses tópicos fazem parte dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa, derivada da linha de Michel Pêcheux, iniciada em 1969. Em seu trabalho de análise do discurso, estabeleceu que as condições de produção do discurso, a partir da ação das regras e normas que os interlocutores estabelecem entre si e dos lugares que ocupam na estrutura de uma formação social, estabelecem, a priori, as formações discursivas. Neste trabalho, chegou-se à conclusão que a identificação dos elementos indispensáveis ao discurso são importantes para a compreensão do texto produzido pelo aluno em sala de aula.

Palavras chave: discurso; condições de produção; jogos de imagem;

O presente trabalho embora incipiente teve por objetivo identificar certas condições ou alguns elementos indispensáveis presentes nos discursos produzidos por alunos materializados através da redação em sala de aula. Para isso, utilizaram-se especificamente os pressupostos teóricos da Análise do Discurso francesa, derivada da linha de Michel Pêcheux, para encontrar, nas redações, formulações que remetam às identidades construídas pelos próprios adolescentes, por meio do que é dito e como é dito.

A primeira definição empírica da noção de condições de produção foi feita por Pêcheux (1969). Partindo do esquema informacional de Jakobson (1963), Pêcheux coloca em cena os protagonistas do discurso e seu referente, e procura definir as condições de produção do discurso a partir da ação das regras e normas que os interlocutores estabelecem entre si e dos lugares determinados que ocupam na estrutura de uma formação social, marcados por propriedades diferenciadas. O que funciona no processo discursivo, segundo o autor, é uma série de formações imaginárias que designam os lugares que os interlocutores atribuem a si mesmos e ao outro, isto é, a imagem que fazem do seu próprio lugar e do outro, e a imagem que os interlocutores fazem do referente. As "condições de produção do discurso" não devem ser enten-

didadas apenas como sendo a situação empírica do discurso que está em jogo, mas como sua representação no imaginário histórico-social. Os protagonistas do discurso (interlocutores) não devem ser considerados apenas como seres empíricos, mas também como representação de lugares determinados na estrutura social: o lugar de professor, de aluno, de político, de pai, de sacerdote etc.

O que se faz ao usar a linguagem de maneira significativa é produzir discursos, que envolve certas condições, ou alguns elementos indispensáveis como:

1. um locutor: aquele que diz, sua posição sócio-histórica.
2. um alocutário: aquele para quem se diz o que se tem a dizer, sua posição sócio-histórica.
3. um referente: o que dizer, sempre determinado pelos sistemas semânticos de coerência e de restrições.
4. uma forma de dizer: numa determinada língua (é preciso que se escolham as estratégias para se dizer).
5. um contexto em sentido estrito: as circunstâncias imediatas; o aqui e o agora do ato de discurso.
6. um contexto em sentido lato: determinações histórico-sociais, ideológicas, o quadro das instituições em que o discurso é produzido - a família, a escola, a igreja, o sindicato, a política, a informação, a língua etc. Inclui-se aqui um sistema de restrições que determina os objetos, as escolhas temáticas, as modalidades enunciativas de um determinado discurso, assim como a relação entre os discursos, as possibilidades de citar do interior de um discurso etc.

Essas condições nos levam a poder afirmar que as escolhas de quem diz não são aleatórias. O emissor pode antecipar as representações do receptor e, de acordo com essa antevisão do "imaginário" do outro, fundar as estratégias do discurso.

Partindo-se do quadro proposto por Pêcheux (1969: 83) a respeito do jogo de imagens que se estabelece entre os protagonistas do discurso, mas tomando-se esse quadro de uma forma bastante simplificada, podem-se apresentar as seguintes posições, considerando-se A e B como interlocutores do discurso:

IA(A): a imagem que A tem de si mesmo. A questão que subjaz essa posição é: "Quem sou eu para que eu lhe fale assim?"

IA(B): a imagem que o locutor A tem do seu interlocutor B. A questão que subjaz essa posi-

ção é: "Quem é ele para que eu lhe fale assim?"

IB(B): a imagem que B tem de si mesmo. A questão que subjaz essa posição é: "Quem sou eu para que ele me fale assim?"

IB(A): a imagem que B tem de A. A questão que subjaz a essa posição é: "Quem é ele para que ele me fale assim?"

IA(R): a imagem que A tem do referente, ou daquilo de que se fala. A questão que subjaz essa posição é: "De que eu lhe falo?"

IB(R): a imagem que B tem do referente. A questão que subjaz essa posição é: "De que ele me fala?"

Essas imagens podem ser sofisticadas:

A(B(A)): a imagem que A tem da imagem que B tem de A. Questão: "Quem ele acha que eu sou para que eu lhe fale assim?"

B(A(B)): a imagem que B tem da imagem que A tem de B. Questão: "Quem ele acha que eu sou para que ele me fale assim?"

A(B(B)): a imagem que A tem da imagem que B tem de B. Questão: "Quem ele acha que ele é para que eu lhe fale assim?"

B(A(A)): a imagem que B tem da imagem que A tem de A. Questão: "Quem ele acha que é para que ele me fale assim?"

A(B(R)): a imagem que A tem da imagem que B tem do referente. Questão: "O que ele acha disso para que eu lhe fale assim?"

B(A(R)): a imagem que B tem da imagem que A tem do referente. Questão: "O que ele acha disso para que ele me fale assim?"

A(B(A(R))) : a imagem que A tem da imagem que B tem da imagem que A tem do referente. Questão: "O que ele pensa que eu acho sobre isso para que eu lhe fale assim?"

B(A(B(R))) : a imagem que B tem da imagem que A tem da imagem que B tem do referente. Questão: "O que ele pensa que eu acho sobre isso para que ele me fale assim?"

As possibilidades não param por aí. Deve-se ter em mente que o jogo de imagens entre os interactantes do discurso é um dos elementos das condições de produção do discurso, mas que essas condições não se reduzem a tal jogo. Dela faz parte todo um sistema de restrições que determina os objetos, os temas, as modalidades enunciativas, assim como as relações en-

tre os discursos, as possibilidades de citar do interior de um discurso. Aquele que fala o faz de um lugar determinado, que regula o seu dizer. Todo discurso remete à formação discursiva a que pertence, sendo regido por essa prática.

O aluno, como ser social, também reflete a sua historicidade. Essa afirmação busca “amparo” na noção de interdiscurso, que Pêcheux define como memória discursiva, um conjunto de já-ditos que sustenta todo dizer. De acordo com esse conceito, as pessoas estão filia- das a um saber discursivo que não se aprende, mas que produz seus efeitos através da ideolo- gia e do inconsciente. O interdiscurso está articulado ao complexo de formações ideológicas: alguma coisa fala antes, em outro lugar, independentemente.

Não existe um ato comunicativo “solto” ou seja, desligado de sua situação de enuncia- ção. Tudo depende do “lugar” de onde o ato foi enunciado. A construção do sentido é aqui vista como o ato de um sujeito que se dirige a outro sujeito, em uma situação de troca particu- lar: na análise em questão, através de um texto (redação escolar). Para tanto, serão acionadas estratégias languageiras adequadas, visando garantir as condições de sucesso de tal ato. En- quanto materialização do discurso, texto, considerado como um todo organizado de sentido, é a unidade básica com que se deve trabalhar no processo de ensino da Língua Portuguesa, por- que é no texto que o usuário da língua exercita a sua capacidade de organizar e transmitir i- déias, informações, opiniões em situações de interação comunicativa.

Tradicionalmente, entende-se por texto um conjunto de enunciados inter-relacionados formando um todo significativo, que depende da coerência conceitual, da coesão seqüencial entre seus constituintes e da adequação às circunstâncias e condições de uso da língua. Enca- rar o texto como a materialidade do discurso, inserido num contexto sócio-histórico, relacio- ná-lo a outros textos e discursos armazenados na memória textual coletiva, admitir a multipli- cidade de leituras por ele ensejadas são desafios permanentes para um ensino conseqüente da Língua Portuguesa. Afinal, como se estabelece a relação entre sujeitos e linguagem? Pêcheux afirma que o discurso constitui o ponto de encontro entre o velho e o novo, o mesmo e o dife- rente, a estrutura e o acontecimento. Desse modo, o discurso que vai se tornando memória (memória discursiva) retoma o mesmo, mas está sempre sofrendo deslocamentos.

Na abordagem da AD, o individuo constrói seu texto através de dois tipos de esqueci- mentos. O primeiro diz respeito ao modo como as pessoas são afetadas pela ideologia. Atra- vés desse esquecimento tem-se a ilusão de dizer algo original, de ser a origem do que se diz, quando, na verdade, retoma-se algo já dito. Não se cria nada porque ao nascer, o indivíduo já encontra os discursos prontos. O segundo esquecimento diz respeito à enunciação, por isso re-

cebe o nome de esquecimento enunciativo: o locutor escolhe determinadas palavras e não outras e tem a impressão inconsciente de que só poderia usar “aquela palavra” e não outra na produção do seu texto.

O discurso do aluno representa formações discursivas. Elas são as grandes unidades históricas que os enunciados constituem. Ex.: a medicina, a gramática, a economia-política etc. São sistemas de dispersão de difícil demarcação. Não são blocos fechados, estabilizados. As formações discursivas são constituídas por práticas discursivas, que determinam os objetos, as modalidades de enunciação dos sujeitos, os conceitos, as teorias, as escolhas temáticas. A formação discursiva não é a "essência" do discurso, não é sua “estrutura profunda” ou seu "sentido profundo", mas é, ao mesmo tempo, um operador de coesão semântica do discurso e um sistema comum de restrições que pode investir-se nos universos textuais. Segundo Pêcheux (1969, 1975), são as formações discursivas que, em uma formação ideológica dada, e levando-se em conta uma relação de classe, determinam “o que pode e deve ser dito” a partir de uma posição dada em uma conjuntura social.

O texto reproduzido aqui é de um estudante da 7ª série do ensino fundamental e nele foram identificados os elementos inerentes à construção do discurso.

Texto do aluno:

Tudo na vida tem limites, é importante se conhecer as regras desse limite para que elas não sejam ultrapassadas. O objetivo desse “jogo” é melhorar as relações entre alunos e professores para que as aulas se tornem melhores e os alunos aprendam mais.

O número de participantes é indeterminado, desde que dê para todos participarem harmoniosamente. O professor entra na sala e reserva cinco minutos para conversar com os alunos e saber suas novidades; em seguida, começa a lecionar o assunto.

Para se jogar, os alunos e os professores devem ter respeito uns pelos outros; saber ouvir e falar na hora certa e tentar estabelecer uma relação de amizade. Além disso, são necessários alguns materiais como: lápis, caneta, borracha, apontador, caderno, livro didático, além de utensílios extras pedidos pelo professor. Inicie o “jogo” colocando o material sobre a mesa, depois preste bastante atenção na aula e tire suas dúvidas se necessário. O aluno não deve discorda do regimento escolar (define as regras), pois é um documento interno do colégio.

O professor deve movimentar-se no “jogo social” incansavelmente; estar disposto a ensinar e possuir recursos para tanto; mostrar que se preocupa com os alunos; repensar sua prática pedagógica diariamente, fazendo com que as aulas fiquem mais prazerosas; têm a função

de ajudar os alunos a relacionar o aprendizado com o mundo; além disso deve impor disciplina; estimular o aluno a dizer o que sente. Acreditar no estudante e orientá-lo; e combater o preconceito racial com discussões elaboradas. Não deve haver agressões ou ameaças entre professores e alunos; algumas maneiras de evitar isto é através de: respeito mútuo, diálogo, empatia, além de não ser aconselhável aceitar bajulação.

O vencedor pode ser tanto o professor (caso ele tenha conseguido dar uma ótima aula), quanto os alunos (se aprenderem o assunto ministrado), estude bastante, que assim, todos serão vencedores.

A partir da análise do texto transcrito acima, pôde-se identificar os elementos indispensáveis para a construção de um discurso:

1. um locutor: Aluno da 7ª série;
2. um alocutário: Professor em sala de aula;
3. um referente: Redação sobre atitudes do professor/aluno em sala de aula;
4. uma forma de dizer: Língua portuguesa, texto escrito;
5. um contexto em sentido estrito: Texto escolar escrito em sala de aula pedido pelo professor;
6. um contexto em sentido lato: redação escrita objetivando satisfazer a solicitação do professor para receber uma boa nota.

A respeito do jogo de imagens que se estabelece entre os protagonistas do discurso citadas anteriormente, no texto em análise, pode-se apresentar as seguintes posições, considerando-se A e B como interlocutores do discurso:

IA(A): a imagem que A tem de si mesmo.

A questão que subjaz essa posição é: "Quem sou eu para que eu lhe fale assim?"

Aluno que se ajusta às normas internas da escola e do professor.

IA(B): a imagem que o locutor A tem do seu interlocutor B.

A questão que subjaz essa posição é: "Quem é ele para que eu lhe fale assim?"

Meu professor ao qual devo respeito e consideração.

IB(B): a imagem que B tem de si mesmo.

A questão que subjaz essa posição é: "Quem sou eu para que ele me fale assim?" sou o professor que o orienta e ao qual ele deve ouvir.

IB(A): a imagem que B tem de A.

A questão que subjaz a essa posição é: "Quem é ele para que ele me fale assim?"

Aluno disciplinado que internalizou as orientações dadas pelo professor para a realização da tarefa.

IA(R): a imagem que A tem do referente, ou daquilo de que se fala

A questão que subjaz essa posição é: "De que eu lhe falo?".

Escrevo sobre como deve ser as atitudes dos alunos e professores no dia a dia de sala de aula.

Sem ter tido a intenção de oferecer ao professor técnicas para o ensino de língua materna na sala de aula, procurou-se oferecer uma reflexão sobre a linguagem, mais especificamente sobre o funcionamento do discurso, sob a ótica da Análise do Discurso, de modo que essa reflexão venha a enriquecer o trabalho do professor em situação de práticas de ensino de produção de textos.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4ª ed. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BENVENISTE, E. *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989 (trad. bras de *Problemes de linguistique générale II*, 1974).
- FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1998.
- GERALDI, J. W. et alii. Lingüística, ensino de língua materna e formação de professores. *DELTA*. v. 12, n. 2, 1996, p. 307- 326.
- GREGOLIN, Rosário. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2005.
- LACAN, Jacques. *Escritos*. São Paulo: Perspectiva, 1978 (original de 1966).
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes & Editora da Unicamp, 1989.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M. "A análise de discurso: três épocas", reproduzido **In:** *Por uma análise automática do discurso – uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas: UNICAMP, 1990.

———. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: UNICAMP, 1988.